

DROGADIÇÃO E ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO

2013

Lauren Bulcão Terroso

Psicóloga (UCPel), Mestranda em Psicologia Clínica (PUCRS), Brasil

Irani Iracema de Lima Argimon

Dr. em Psicologia (PUCRS), Docente do Programa de Graduação e Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da PUCRS, Pesquisadora Produtividade CNPq (Brasil)

Email:

launterroso@hotmail.com

RESUMO

Este estudo teve como objetivo realizar uma revisão narrativa de literatura acerca do uso de drogas por adolescentes por ser um assunto atual e de extrema importância aos profissionais de saúde. Na literatura podemos encontrar, associado ao uso de drogas por adolescentes, fatores comuns à maioria dos jovens como por exemplo às mudanças relativas ao “adolescer”, assim como fatores individuais como a relação familiar, escola, relações interpessoais, entre outros. Assim, enfatiza-se a importância de estudos sobre esta temática a fim de proporcionar clareza aos profissionais, para estabelecer estratégias clínicas eficazes no tratamento preventivo e terapêutico de comportamentos aditivos em jovens.

Palavras-chave: Drogas, adolescência, jovens

O uso de drogas constitui um importante fator a ser investigado, referente ao comportamento de risco dos adolescentes, principalmente aos que se dedicam ao trabalho com essa etapa do ciclo vital. Trata-se de uma fase que requer uma avaliação precoce propiciando o investimento a nível de estratégias de prevenção primária. A prevenção constitui o meio mais



eficaz, uma vez que a presença de comportamentos aditivos pode levar a consolidação de problemas mais graves, podendo influenciar drasticamente a vida do indivíduo em vários âmbitos (Feijó & Oliveira, 2001; Preto, 2003). Devido a isto, este estudo teve como objetivo realizar uma revisão narrativa de literatura acerca do uso drogas por adolescentes por ser um assunto atual e de extrema importância aos profissionais de saúde. A realização deste estudo visa proporcionar um retrato mais fidedigno desta problemática elucidando questões ainda obscuras, e facilitando o esclarecimento acerca da realização de medidas preventivas eficazes uma vez que o uso de drogas constitui um problema de saúde pública e a prevenção ainda é considerada a melhor estratégia.

As drogas são substâncias químicas, naturais ou sintéticas, que provocam alterações psíquicas e físicas a quem as consome e podem levar à dependência sendo que o seu uso sistemático traz sérias conseqüências (Pinsky & Bessa, 2004). De acordo com Dalgalarondo (2008), as substâncias psicoativas produzem sensação de prazer ou excitação com correspondência cerebral nas áreas de recompensa do cérebro. Estudos relatam que há variação apenas na quantidade e forma de uso uma vez que o consumo de drogas psicoativas sempre existiu na história da humanidade porém, o assunto se torna grave quando este consumo torna-se exagerado e gera dependência em longa escala (Guimarães, Godinho, Cruz, Kappann & Tosta, 2004; Pinsky & Bessa, 2004; Roehrs e *et al.*, 2008).

Washton e Zweben (2009) definem os estágios de envolvimento com substâncias da seguinte forma:

Estágio	Característica
Experimentação	Marca o início do contato com a droga
Uso Social ou Ocasional	Uso da droga em quantidades modestas com frequência irregular
Uso Regular	Padrão de uso mais freqüente
Uso Situacional	Consumo associado a um objeto específico
Uso Compulsivo	Períodos de uso de grandes quantidades intercalados por períodos de abstinência
Abuso	Uso de droga com apresentação de problemas significativos associados à ela (DSM-IV)
Dependência	Presença de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos que indicam a continuação do uso de substâncias apesar dos problemas relacionados a ela (DSM-IV)

Vários estudos relatam que, na maioria dos casos, o uso de drogas inicia-se durante o ensino médio (Marques & Cruz, 2000; Roehrs, Lenardt & Maftum, 2008; Schenker & Minayo, 2004; Soldera, Dalgalarondo, Corrêa & Silva, 2004; Vieira, Aerts, Freddo, Bittencourt & Monteiro, 2008), sendo esta uma fase estressante aos jovens já que abarca vários fatores relativos à mudança que os adolescentes sofrerão. Neste sentido, um estudo sobre a prevalência de consumo de substâncias psicoativas entre escolares do ensino médio do município de São José do Rio Preto-SP constatou que 77% dos adolescentes já haviam consumido álcool na vida, 28,7%

tabaco, 18,1% solventes, 12,1% maconha, 3,7% anfetamínicos, 3,3% cocaína, 3,1% alucinógenos e 1,4% crack (Silva, Pavani, Moraes & Neto, 2006).

De acordo com o levantamento feito pelo Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), em 2001, 50% das crianças de 10 a 12 anos já havia consumido algum tipo de bebida alcoólica, 23,8% dos adolescentes relataram a convivência com os amigos um fator importante para o início do uso; 7,6% dos estudantes já haviam experimentado maconha e 2% cocaína. A precocidade de consumo representa um fator de risco bastante significativo para um consumo abusivo ou dependente no futuro (Dalgalarrondo, 2008; Marcelli & Braconnier, 2007; Pinsky & Bessa, 2004; Roehrs *et al.*, 2008), embora seja difícil definir quais desses adolescentes serão usuários futuramente (Pinsky & Bessa, 2004). Assim pode-se verificar o aparecimento de condutas de dependência na adolescência, evidenciando esta etapa do ciclo vital como um período crucial para o início do uso de drogas (Schenker & Minayo, 2005).

A adolescência é constituída por um período de mudanças que representa a passagem psicológica e cultural da infância para a vida adulta. A palavra adolescência é originária do latim “adolescere” que significa “crescer”. Nesta etapa o indivíduo se modifica física, mental e emocionalmente (Bee, 1997). Autores como Marcelli e Braconnier (2007) relatam haver uma fase de “crise” na adolescência, sendo esta um momento temporário de desequilíbrio e de substituições rápidas que põem em questão o equilíbrio normal ou patológico do sujeito.

É evidente que trata-se de uma fase de metamorfose, onde ocorrem grandes transformações e descobertas, tornando-se uma época da vida propícia a riscos, medos e instabilidades. A escolha profissional, fator extremamente presente nesta etapa, torna-se de extrema influência já que implica uma mudança crucial ao desenvolvimento, podendo este ser repleto de dificuldades e conflitos (Bardagi, 2002; Primi *et al.*, 2000). Por haver neste período uma dificuldade em superar condições de estresse visto que os indivíduos encontram-se sob uma forte carga de pressão social, as condições estressantes constituem importantes fatores contribuintes para aquisição e manutenção de comportamentos aditivos (Lambert & Kinsley, 2006; Pinsky & Bessa, 2004)

Segundo vários autores, o sentimento de onipotência, dificuldade de informação adequada, ansiedade, necessidade de explorar e transgredir padrões e normas, busca incessante pelo novo, o apego pelo momento presente, a necessidade de ser aceito pelo grupo de referência, de contestar a família, a baixa autoestima, hábitos familiares como o uso abusivo de medicamentos, fumo e/ou álcool, aceitação do grupo, sensação de independência, são alguns dos fatores relacionados ao início do consumo de psicoativos pelos adolescentes (Dalgalarrondo 2008; Feijó & Oliveira, 2001; Pinsky & Bessa, 2004; Salles, 1998). Já a religiosidade, estrutura familiar empática, conhecimento sobre os efeitos das drogas, são considerados fatores de proteção a elas (Feijó & Oliveira, 2001; Marques & Cruz, 2000; Pinsky & Bessa, 2004). O estresse característico desta

fase, também constitui um importante fator contribuinte para o início do uso de psicoativos (Pinsky & Bessa, 2004).

Marques & Cruz (2000) citam a ansiedade como um dos principais fatores desencadeantes do uso de drogas por adolescentes. De acordo com Dalgalarrodo (2008), esta pode ser definida como estado de humor desconfortável, apreensão negativa em relação ao futuro e inquietação interna desagradável, incluindo manifestações somáticas e fisiológicas (dispnéia, taquicardia, vasoconstrição ou dilatação, tensão muscular, parestesias, tremores, sudorese, tontura, etc.) e manifestações psíquicas (inquietação interna, apreensão, desconforto mental, etc.). Tais manifestações são produzidas pelo sistema nervoso autônomo simpático, e têm a finalidade de preparar o indivíduo para agir de forma eficaz frente ao perigo sendo que a regulação dessa atividade se dá por meio de um sistema de retroalimentação negativa (Dalgalarrodo, 2008; Lambert & Kinsley 2006).

Fatores sociodemográficos como idade, sexo e fatores psicossociais, como influência dos amigos e relações interpessoais dentro da família também são importantes considerar quanto ao uso de drogas por jovens. Há estudos que apontam que o desajuste familiar na primeira infância aumenta a possibilidade de uso/abuso de substância posteriormente, fazendo com que a disfunção familiar seja um dos vários fatores causais neste contexto. Quanto a isso, supõe-se que as condições de um ambiente familiar podem conter características bastante propícias à produção de estados emocionais altamente estressantes, favoráveis ao uso de drogas (Baus, Kupek & Pires, 2002).

A família exerce influência sobre a forma de como o adolescente reage à ampla oferta de droga na sociedade, pois além de ser a fonte das primeiras relações com o mundo, também é o núcleo das primeiras relações sociais (Marques & Cruz, 2000; Outeiral, 2008). Relações familiares saudáveis servem como fator de proteção (Roehrs *et al.*, 2008; Schenker & Minayo, 2005; Silva *et al.*, 2006). Segundo Schenker & Minayo (2005), o vínculo e a interação familiar saudável servem de base para o desenvolvimento pleno das potencialidades das crianças e dos adolescentes tendo esta um papel crucial pois quando cuidadora, afetiva, amorosa e comunicativa, possui mais chances de promover condições para o desenvolvimento saudável dos filhos.

A escola também torna-se um fator importante neste contexto uma vez que constitui uma força central na vida dos adolescentes, sendo o cenário em que a sociedade tenta moldar as atitudes e os comportamentos dos jovens, para prepará-los para a vida adulta (Bee, 1997; Preto, 2003). É nessa instituição que se reforçam valores e normas sociais, constituindo um ambiente de proteção para o jovem. É onde os jovens passam grande parte do seu tempo (Pinsky & Bessa, 2004) constituindo, também, um poderoso agente de socialização e um forte instrumento na

promoção da autoestima, tornando-se um fator fundamental na potencialização de resiliência dos adolescentes (Schenker & Minayo, 2005).

Um estudo sobre como os livros didáticos usados pelos adolescentes abordam o tema “psicotrópicos” constataram que tais materiais se utilizam de apelo emocional, utilizando um estilo dramático para “amedrontar” os estudantes a respeito dos efeitos das drogas (Carlini-Cotrim & Rosemberg, 1991). Ademais, ao invés desses livros abordarem a conceituação, causa que levam ao uso, incidência, tratamento ou prevenção, situam-se em torno de conceitos implícitos de dependência, demonstrando um possível medo de que a transmissão de informações referentes ao prazer causados pela droga manifeste a curiosidade nos jovens (Silva *et al*, 2006). Contudo, no Brasil, a prevenção ao uso de drogas limita-se a ações de caráter repressivo, com conotação moralista e culpabilizadora, favorecendo intervenções inadequadas, por “especialistas” que muitas vezes reduzem e simplificam o problema, utilizando o discurso amedrontador, falseando comprovações científicas e sendo a favor de uma “guerra às drogas” (campos & soares, 2004), dificultando o papel da escola como fator de proteção aos comportamentos aditivos (Schenker & Minayo, 2005).

Podemos concluir que pode ser encontrado na literatura vários fatores associados ao uso de drogas por adolescentes. Estes podem ser fatores comuns à maioria dos jovens como por exemplo às mudanças relativas ao “adolescer”, assim como fatores individuais como a relação familiar, escola, relações interpessoais, entre outros. Sugere-se estudos que aprofundem a respeito das variáveis associadas aos comportamentos aditivos na adolescência, principalmente os de corte longitudinal onde poderíamos obter informações relativas a causalidade entre determinada característica e o uso de drogas. Levando em consideração os riscos associados ao uso de substâncias, a importância de uma intervenção precoce e o aumento do risco proporcional a precocidade do início do consumo, torna-se importante estudar a prevalência e fatores associados ao uso de drogas lícitas e ilícitas por jovens nesta etapa escolar visto a importância de relacionar tal problemática com os fatores estressantes intrínsecos nesta fase de intensas mudanças. O conhecimento acerca deste tema constitui uma importante ferramenta para prevenção e tratamento desta problemática que constitui um assunto de saúde pública sendo uma das maiores preocupações deste campo. Assim, enfatiza-se a importância do estudo a fim de proporcionar clareza aos profissionais, para estabelecer estratégias clínicas eficazes no tratamento preventivo e terapêutico deste problema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bardagi, M. P., (2002). *Os estilos parentais e sua relação com a indecisão profissional, ansiedade e depressão dos filhos adolescentes*. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.

Baus, J., Kupek, E. & Pires, M. (2002). Prevalência e fatores de risco relacionados ao uso de drogas entre escolares. *Revista de saúde pública*, 36 (1) Disponível: <http://www.scielo.com.br> (Acessado em 18/07/2013)

Bee, H. (1997). *O ciclo vital*. (R. Garcez, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas (Original publicado em 1994).

Campos, F. V. & Soares, C. B. (2004). Conhecimento dos estudantes de enfermagem em relação às drogas psicotrópicas. *Revista Escola de Enfermagem USP*, 38, 99-108.

Carlini, E., A., Galduróz, J., C., Noto, A., R. & Solange, A., N., (2001). *I levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país*. São Paulo: CEBRID / UNIFESP.

Carlini-Cotrim, B. & Rosemberg, F (1991). Os livros didáticos e o ensino para a saúde: o caso das drogas psicotrópicas. *Revista de saúde pública*, 25 (4) Disponível: <http://www.scielo.com.br> (Acessado em 18/07/2013)

Cunha, J. A. (2001). *Manual da versão em português das Escalas Beck*. São Paulo: Casa do Psicólogo

Dalgalarrondo, P. (2008). *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artes Médicas

DSM IV-TR. (2003). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artes Médicas

Feijó, R. B., Oliveira, E. A. (2001). Comportamento de risco na adolescência. *Jornal de Pediatria*, 77, 34-125.

Guimarães, J., L., Godinho, P. H., Cruz, R., Kappann, J., I. & Tosta Junior, L., A. (2004). Consumo de drogas psicoativas por adolescentes escolares de Assis. *Revista de Saúde Pública*, 38 (1) Disponível: <http://www.scielo.com.br> (Acessado em 19/07/2013)

Henrique, I. A., De Micheli, D., Lacerda, R. B., Lacerda, L. A. & Formigoni, M. L. (2004). Validação da versão brasileira do teste de triagem do envolvimento com álcool, cigarro e outras drogas – ASSIST. *Revista de saúde pública*, 50 (2) Disponível: <http://www.scielo.com.br>

Lambert, K., & Kinsley, C. H. (2006). *Neurociência clínica: as bases neurobiológicas da saúde mental*. (R. C. Costa, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 2005)
Marcelli, D. & Braconnier, A. (2007). *Análise de conteúdo*. (F. Murad, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 2004).

Marques, R. & Cruz, M. (2000). O adolescente e o uso de drogas. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 22 (2) Disponível: <http://www.scielo.com.br> (Acessado em 19/07/2013).

Micheli, D., Fisberg, M. & Formigoni, M. L. (2004). Estudo da efetividade da intervenção breve para o uso de álcool e outras drogas em adolescentes atendidos num serviço de assistência primária à saúde. *Revista da associação médica brasileira*, 50 (3) Disponível: <http://www.scielo.com.br> (Acessado em 16/07/2013)

Outeiral, J. (2008). *Adolescer*. Rio de Janeiro: Revinter

Pinsky, I. & Bessa, M. A. (2004): *Adolescência e drogas*. São Paulo: Contexto.

Preto, L. (2003). Teorias do comportamento aditivo. Em: *Anais do Encontro/Simpósio "Um mundo em cambio*, pp 1-6, Estremadura, Espanha.

Primi, R., Munhoz, A. M., Bighetti, C. A., Nucci, E. P., Pellegrini, M. C. & Moggi, M. A. (2000). Desenvolvimento de um Inventário de Levantamento das Dificuldades da Decisão Profissional. *Psicologia: reflexão e crítica*, 13(3) Disponível em <http://www.scielo.com.br> (Acessado em 15/07/2013).

Roehrs, H., Lenardt, M., H. & Maftum, M., A. (2008). Práticas culturais familiares e o uso de drogas psicoativas pelos adolescentes: reflexão teórica. *Revista Enfermagem*, 12 (2) Disponível: <http://www.scielo.com.br> (Acessado em 14/07/2013)

Salles, M. F. F. (1998). As drogas e o aluno adolescente. Em: J. G. Aquino (Org.) *Drogas na escola* (pp. 123-142). São Paulo: Summus.

Schenker, M. & Minayo, M. C. S. (2005). Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10, 707-717.

Silva, E. A. & Micheli, D., Camargo, B. M., Buscatti, D., Alencar, M. A., Formigono, M. L. (2006). Drogas na adolescência: temores e reações dos pais. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8, 41-54.

Silva, E., F., Pavani, R., A., Moraes, M., S. & Neto, F., C. (2006). Prevalência do uso de drogas entre escolares do ensino médio do Município de São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. *Caderno de saúde pública*, 22 (6) Disponível em: <http://www.scielo.com.br> (Acessado em 01/07/2013)

Soldera, M., Dalgalarondo, P., Corrêa Filho, H. R. & Silva, C. A. (2004). Uso de drogas psicotrópicas por estudantes: prevalência e fatores sociais associados. *Revista de Saúde Pública*, 38 (2) Disponível em: <http://www.scielo.com.br> (Acessado em 05/07/2013).

Vieira, P. C., Aerts, D., R., Freddo, S., L., Bittencourt, A. & Monteiro, L. (2008). Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares em município do Sul do Brasil. *Caderno de saúde pública*, 24 (11) Disponível: <http://www.abead.com.br> (Acessado em 30/06/2013)

Washton, A. M., & Zweben, J. E. (2009). *Prática psicoterápica eficaz dos problemas com álcool e drogas*. (M. Armando, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 2006)